

RAMOS E PÁSCOA

*** Roberto Rodrigues**

Amanhã é domingo de ramos. E na semana que vem tem Páscoa. Não dá para esquecer a comemoração pascal há 60 anos, quando vivíamos numa fazenda, no norte de São Paulo, e um tio era diretor da Gardano, fabricante de chocolates.

Aquele era outro tempo. O telefone era na parede, de manivela, e, a telefonista “morava” na central. As estradas, de terra, ficavam intransitáveis durante o período de chuvas e insuportavelmente poeirentas na seca. Uma viagem para Ribeirão Preto, a 50 quilômetros de distância, precisava ser muito bem planejada, para não ficar no caminho. Nas fazendas, fazia-se de tudo: toda a comida, inclusive massas, roupas, brinquedos, móveis.

Chocolate era um pitêu raro. Não havia. Mas, na semana da páscoa, meu tio mandava de São Paulo, de trem, um caixotinho de madeira com ovos e bombons. Era uma festa! No domingo de ramos, marcado pela ida à missa com folhas de palmeira, começava a espera, e a molecada ia todo dia com a charrete, esperar o correio na estação de trem, a poucos quilômetros, só para ver o caixote; só ver, nem pensar em abrir. Depois vinha toda a solenidade de esconder os ovos, procurar, achar e disputar os bombons preferidos, no domingo de Páscoa.

E hoje? Ora, hoje a gente pega o telefone e fala em Tóquio como se estivesse conversando na sala de visitas. Vai a Ribeirão Preto para ver um filme e volta, mais depressa do que ir a um cinema em São Paulo. Naquele tempo, quando quebrava um rolamento de um trator, a máquina ficava três ou quatro dias parada, esperando vir a peça, de jardineira, encomendada por telegrama à capital. Hoje em três horas está tudo funcionando.

E o que fez esta mudança? Como este progresso formidável começou, fazendo de Ribeirão Preto uma cidade com magníficos hospitais e universidades, com todos os serviços da melhor qualidade? O que fez o progresso de Londrina, Maringá e Cascavel no Paraná? De Chapecó em Santa Catarina? De Uberaba, Uberlândia, Montes Claros em Minas Gerais? De Rio Verde, Itumbiara, Quirinópolis em Goiás? De Rondonópolis e Cáceres no Mato Grosso? De Campo Grande e Dourados no Mato Grosso do Sul? De Passo Fundo, Não me Toque no Rio Grande do Sul? De Luiz Eduardo na Bahia? De Balsas no Maranhão? De todo este interiorzão brasileiro?

Foram os produtos da agropecuária. Os fazendeiros precisaram de estradas para trazer insumos e escoar a produção. De serviços para financiá-la, comercializá-la, armazená-la, de indústrias para transformá-la, de energia para tocar as indústrias, de comunicação para modernizar os processos de gestão, da tecnologia para competir, de equipamentos, de faculdades de agronomia e escolas técnicas.

Foram a agricultura, a pecuária, o agronegócio que trouxeram o progresso, para qualquer rincão deste imenso e generoso país. Depois da produção rural, e

por causa dela, vieram as indústrias - tanto de insumos quanto de transformação - e todos os serviços. Para servir à agricultura, e dela se servirem. Para, em simbiose, crescerem juntos e fazerem crescer o país.

Amanhã é domingo de Ramos. E o outro será a Páscoa. Com chocolates. E, graças aos produtores de cacau, de leite, de açúcar, de amêndoas diversas, vamos, mais uma vez, celebrar docemente a Ressurreição...

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**